

De baixo da terra, vida que gera mais vida: uma experiência com a barragem subterrânea

A família de Rosa Ribeiro e Francisco Epifânio de Castro, da comunidade Queimada Velha, município de São Lourenço, no estado do Piauí, conta uma bonita história de amor pela terra.

O casal de agricultor conta que sempre viveu do trabalho da terra, dos frutos da roça, de onde tiam o sustento da família e também encontram alegrias para viver bem no seu local de origem. O casal conta feliz que sua comunidade vem conquistando políticas públicas importantes que garante a permanência do homem do campo em suas terras.



Uma dessas conquistas é a energia elétrica na comunidade, no ano de 2013, através do Programa Luz Para Todos, e também o acesso a água para produção de alimentos através do Programa P1+2- Programa Uma Terra e Duas Águas da ASA BRASIL- Articulação do Semiárido Brasileiro. “As coisa vem melhorando muito de uns 10 anos para cá. Hoje, morar na roça é melhor que morar na cidade, porque aqui já tem energia elétrica em casa, tem água para produzir. Podemos criar bode, galinha, porco; tem manteiga para temperar o maxixe e o feijão. E ainda se a plantação se perder, nós temos o seguro-safra, que não deixa a gente perder tudo”, garante Francisco.

Francisco recorda que a primeira produção de alimentos em seu roçado foi uma boa safra de mandioca e mamona. Desse roçado, conseguiu recursos para construir a casa, onde criaram seus dois filhos (que já se casaram e que tem suas próprias casas) e mora até hoje com sua esposa Rosa Ribeiro, “a responsável por tudo ter dado certo”, garante ele.

Um dos acontecimentos importantes destacado pela família foi a conquista da água para produção de alimentos. O casal conta que a tecnologia social de captação e armazenamento da água da chuva, a barragem subterrânea, contribuiu para o sucesso da produção de alimentos orgânicos em seu roçado, gerando qualidade de vida à família e à comunidade em que vivem.



O Programa P1+ 2 também contribuiu muito para aprimorar as técnicas de produção utilizadas pela família em seu roçado, eles afirmam que os conhecimentos adquiridos através dos cursos de formação para a convivência com o Semiárido e os intercâmbios de experiências entre agricultores e

agricultoras, que fazem parte do programa P1+2, como o GAPA (Gestão da Água para Produção de Alimentos), SISMA (Sistema Simplificado de Manejo de Água) foram responsáveis pela mudança de hábito alimentar da família e também do aprimoramento das técnicas e cuidados com a água e preparação do solo para plantação “Sempre vivemos da roça, do que plantamos e do que colhemos. Aprendemos a labutar na roça do jeito que nossos pais ensinaram, mas faltava saber de coisas que podiam ajudar a melhorar esse jeito. Antes de participardesse programa que ensinou a labutar com a água e com plantação, nós fazia queimadas, usava veneno nas plantas e via que a terra ficava mais fraca. Mas depois de saber que o veneno faz mal à planta e à saúde da família, nós não usamos mais. Hoje plantamos tudo sem usar veneno. Lá no tempo de meu avô não tinhaesses venenos. Os bodes comiam plantas na caatin a, a gordura era de porco sadio, as galinhas comiam os milhos pisado no pilão, e as pessoas viviam muito e não tinhaesse tanto de doença esquisita que tem hoje”, conta a agricultora Rosa.



Com o crescimento da criação de bodes e ovelhas, o casal sentiu necessidade de produzir ração para alimentar os animais no período de seca, então resolveu plantar capim: “ No começo, não teve jeito de o capim pegar, nasceram alguns pés, mas a seca matou, tentamos por mais dois anos, não deu certo. No ano de 2013, apareceu a construção de uma cisterna para produção que a Cáritas Diocesana de São Raimundo Nonato estava construindo junto com a ASA. O técnico veio a nossa casa ver o local da construção. Eu queria uma cisterna-calçadão porque meu vizinho tem uma e é muito boa. Mas o técnico viu meu quintal disse que a barragem subterrânea era a que dava mais certo, já que eu queria plantar capim, o lugar dava muito bom para a barragem. Eu fiquei em dúvida porque eu não botava fé nessa barragem embaixo do chão. Mas minha esposa quis mesmo a barragem, então fizeram a barragem subterrânea. Acompanhamos todo o trabalho de construção. Depois da barragem pronta, plantamos o capim e, dessa vez, deu certo. Está com dois anos que sustentamos nossos animais com esse capim, graças a essa barragem. Mesmo nessa seca, o capim viveu; e até outubro deu para alimentar os animais. Mas agora que choveu, ele vai se renovar de novo. Até ontem, estava muito seco, mas estou feliz porque choveu, se hoje não tem nada para os bodes comer, amanhã vai criar, porque a mata já está alegre com a chuva”, conta Francisco.



Realização

Apoio

